



ARRIBA

Nº. 15

Associação de Moradores dos Capuchos Dezembro 2022

*As luzes
que brilham no céu*

Sumário

Díário de Bordo Informação aos sócios	Pag. 2/4
Associação de Moradores dos Capuchos de José Carlos Rodrigues Nunes	Pag. 5/6
Os Capuchos nas minhas memórias (3ª parte) de Eduardo Gomes	Pag. 7/9
Não há paz entre os girassóis BD de Ferrer Asturiano	Pag. 10/13
As luzes que brilham no céu Um conto de Paulo Figueiredo	Pag. 14/16
Capuchos – Uma aguarela e um poema de Carlos Canhão	Pag. 17
História e estórias do Concelho de Almada de João Paulo Curto	Pag. 18/20
Mar do Norte Pintura de Josephine Lucassen	Pag. 21
A “horda” descalça Cartoon de Ferrer Asturiano	Pag. 22

O “ARRIBA” é propriedade e edição da **Associação de Moradores dos Capuchos**
Publicação trimestral gratuita. Distribuição por e-mail

Contactos: <https://moradorescapuchos.wixsite.com/capuchos>
Facebook: <https://www.Facebook.com/AMC-Associação-de-Moradores-dos-Capuchos-426610328116880/>
E-mail: associacaomoradorescapuchos@gmail.com



Visite o nosso site!



Associação de Moradores dos Capuchos

Diário de Bordo

Informação aos sócios

Dia 13/9

Cerca das 16H00, caiu um enorme ramo do eucalipto gigante à entrada dos Capuchos, interrompendo o trânsito na EN10-1. Por mero acaso não atingiu ninguém e não provocou danos materiais. Os bombeiros compareceram prontamente no local e desimpediram a via.

Fica, no entanto, o alerta para uma mais cuidadosa verificação do estado de segurança das várias árvores antigas e de grande porte que aqui existem, no sentido de antecipar (e evitar) acontecimentos como este.



Dia 16/9

Reunião nos Capuchos com o Diretor Municipal de Serviços Urbanos e Espaços Verdes e com o Vogal da JF Caparica e Trafaria, em que foram mencionadas todas as questões relacionadas com a recolha dos contentores do lixo orgânico e dos ecopontos, com a recolha de monos e verdes, com a modernização do modelo de recolha, com a limpeza de ruas e bermas, com a varredura das ruas, com os ramos dos pinheiros entrelaçados nos cabos e vice versa, com a queda de ramos

na via pública e em cima das habitações e evidenciados os riscos daí resultantes na segurança, na saúde e nos danos materiais dos moradores e visitantes.

Dia 17/9

Participação de associados da AMC nos locais selecionados (Miradouro e Estrada do Robalo) do evento “Limpar Almada 2022”.

Há mais de um mês – desde o início de Outubro - circula-se por um carreiro na Rua dos Capuchos. Isto porque dois grandes montes de ramos e aparas de jardim foram colocados de ambos os lados da estrada (que já não estava grande coisa). Apesar de dezenas de comunicações para os serviços competentes da Câmara e Junta de Freguesia os montes lá continuam. Lamentavelmente.



Carris Metropolitana

Dia 13/9

Melhoria do número de carreiras, e do percurso até Cacilhas da carreira 3022, subsistindo ainda a falta de informação sobre percurso e horários da carreira 3028 (Lazarim circuito);

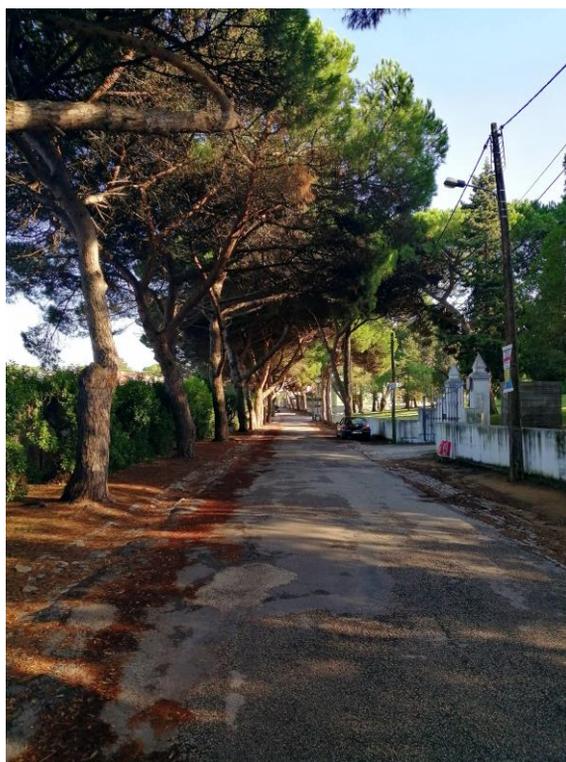
Dia 12/10

Em reunião com o Presidente da Assembleia Municipal e com os Presidentes de Comissões Municipais, foi assegurado que a pretensão de haver uma carreira do género do “Bus Saúde”, a circular por dentro do território, está a ser considerada.

Requalificação do Espaço da Antiga Escola Primária e Requalificação da R. Lourenço Pires de Távora, R. dos Capuchos, Estrada do Miradouro e R. do Alto dos Capuchos

Após muitas insistências ao longo dos meses sem respostas concretas, **em 28 de Julho**, por contacto telefónico da nossa parte, fomos informados pelo Diretor Municipal da CMALmada com o pelouro de Obras, Mobilidade e Urbanismo, que estes assuntos estão a seguir os pressupostos necessários e que será marcada uma reunião para Setembro com a presença do Vereador e dos Técnicos envolvidos.

8/9 - Contacto telefónico com o Adjunto do Vereador com o pelouro de Infraestruturas e Obras Municipais, foi-nos dito que, quando fosse oportuno e necessário,



marcariam uma reunião com a AMC, sendo que só nos podia garantir a finalização de obras em curso, pelo que, **em 9 de Setembro** enviámos um mail a recordar todas as nossas prioridades, manifestando o nosso interesse em reunir com o Vereador e seu Gabinete Técnico o mais brevemente possível. **Sem acuso de recepção e sem qualquer resposta.**

22/9 - Efectuado contacto com a Assembleia Municipal de Almada, para marcação de uma reunião com o Presidente da Assembleia Municipal e com os Presidentes das 3ª. (Ambiente e Planeamento do Território) e 6ª. (Transportes e Mobilidade) Comissões Municipais;

12/10 - Reunião com a Assembleia Municipal, na pessoa do seu

Presidente e com as 3ª. e 6ª. Comissões Municipais. Foram expostas estas prioridades, às quais acrescentámos a R. do Alto dos Capuchos, parte da qual está em alcatrão muito degradado e parte em terra batida, documentadas com um mapa dos Capuchos e com fotografias, tendo tido, da parte dos representantes da Assembleia Municipal, a melhor atenção e interação. **Aguardamos o relatório.**

Repavimentação da EN10-1

Após várias insistências por escrito e por telefone, em **28 de Julho**, por contacto telefónico da nossa parte, foi-nos dito pelo Diretor Municipal da CMAlmada com o pelouro de Obras, Mobilidade e Urbanismo, que as obras irão ser terminadas com os trabalhos adicionais solicitados.



Dia 8/9

Contacto telefónico com o Adjunto do Vereador com o pelouro de Infraestruturas e Obras Municipais, foi-nos dito que, só nos podia garantir a finalização de obras em curso, pelo que, em **9 de Setembro** enviámos um mail a recordar os trabalhos adicionais (pintura de passadeiras, controlador de velocidade, colocação de abrigo digno na paragem de autocarro e colocação de “pins” ao longo da EN10-1, onde não há passeios), manifestando o nosso interesse em reunir com o Vereador e seu Gabinete Técnico o mais brevemente possível. **Sem acuso de recepção, sem qualquer resposta e sem conclusão das obras;**

Dia 22/9

Efectuado contacto com a Assembleia Municipal de Almada, para marcação de uma reunião com o Presidente da Assembleia Municipal e com os Presidentes das 3ª. (Ambiente e Planeamento do Território) e 6ª. (Transportes e Mobilidade) Comissões Municipais;

12/10 Reunião com a Assembleia Municipal, na pessoa do seu Presidente e com as 3ª. e 6ª. Comissões Municipais. A falta de conclusão desta obra e os problemas de mobilidade daí decorrentes foram expostos e documentados com um mapa dos Capuchos e com fotografias, tendo tido, da parte dos representantes da Assembleia Municipal, a melhor atenção e interação. **Aguardamos o relatório.**

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DOS CAPUCHOS

UMA INICIATIVA DE ASSOCIATIVISMO COM O OBJECTIVO DE CONSEGUIR MELHORIAS NA ORGANIZAÇÃO E NA GESTÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DOS CAPUCHOS

De José Carlos Rodrigues Nunes (Presidente da Direção)



Conforme já evidenciado em edições do Jornal ARRIBA, o espaço dos Capuchos tem uma localização privilegiada e oferece pontos históricos, culturais e turísticos de grande apreço. Veja-se o Convento dos Capuchos, o Miradouro Panorâmico e Arriba Fóssil datada de há cerca de 10 milhões de anos e que começa aqui mesmo ao lado. Por esse motivo, o movimento de pessoas e de viaturas é grande. Para além dos moradores, temos os visitantes, e são muitos!

Esta realidade deveria ser valorizada pelas entidades oficiais competentes em ordenamento e gestão do território à escala municipal, no caso, a Câmara Municipal de Almada (CMA). É, pois, legítimo esperar que a nossa Câmara proceda, sem delongas, à melhoria e conservação dos locais históricos, culturais e turísticos existentes na zona dos Capuchos e, obviamente, à criação de acessos dignos. Para o efeito, é absolutamente necessário “meter mãos à obra” repavimentando as ruas e cuidando da sua limpeza.

Acresce que o adequado aproveitamento de espaços abandonados, sobretudo quando

localizados em zonas habitacionais é crucial. Tal é o caso do espaço anteriormente ocupado pela Escola Primária dos Capuchos. A nossa proposta foi apresentada à CMA e várias vezes trazida ao diálogo com responsáveis da CMA.

Até agora, não temos notícia de algum projeto.

Este estado das coisas já vem de há bastante tempo. Assim, descontentes com a situação e acreditando que iniciativas coordenadas e promovidas por moradores ou seus representantes, junto das entidades competentes, poderiam contribuir para melhor identificar e ajudar a resolver os problemas existentes, um grupo de moradores teve a iniciativa de constituir uma associação de moradores, mais precisamente a ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DOS CAPUCHOS (AMC).

Foi com essa finalidade que no dia **4 de Agosto de 2015** promoveram uma reunião e formalmente aprovaram a constituição da Associação, os respetivos Estatutos e a

composição dos órgãos sociais - Mesa da Assembleia Geral, Direção e Conselho Fiscal.



No cumprimento de obrigação legal, no dia **23 de Outubro de 2015**, num Cartório Notarial de Almada, foi efetuada a escritura de constituição da Associação de Moradores dos Capuchos.

Posteriormente, no dia **11 de Junho de 2016**, realizou-se a 1ª Assembleia Geral Ordinária e no dia **19 de Julho** a 1ª. Reunião da Direção.

Este foi o percurso para a AMC se afirmar como entidade legitimada para dialogar com os organismos que podem /devem cuidar da porção de território designado por Capuchos e, assim, contribuir para o bem-estar dos seus moradores.

Ora, uma associação com estes propósitos e responsabilidade só perdura desde que seja sustentada pelos princípios de solidariedade, união e participação. Para tanto, além da vontade firme dos fundadores, a AMC tem vindo a criar instrumentos para se dar a conhecer e trazer para o projeto (estamos sempre a olhar, também, o futuro) mais vizinhos e amigos.

Um desses instrumentos, um dos mais eficazes em matéria de comunicação é o nosso jornal trimestral ARRIBA.

Em Junho de 2019 foi editado o primeiro da série que já alcançou, nesta, a 15ª edição.

Além da sua qualidade gráfica, a sua estrutura tem privilegiado a informação de índole histórica e cultural Capuchos, designadamente, eventos em curso ou em agenda, bem como a indispensável informação sobre a atividade da AMC. Os comentários recebidos continuam a ser muito positivos, reforçando a intenção de se prosseguir com a sua edição.

Uma iniciativa de convívio e, naturalmente, de troca de ideias sobre a prática e o expectável da nossa Associação, será o almoço de confraternização que terá lugar no restaurante nosso vizinho CAPUCHINHOS, no dia 19 de Novembro.

Esta é uma associação de moradores e como tal só tem sentido existir se beneficiar de significativo envolvimento, direto e indireto, dos moradores e de preferência como associados. Apareçam e intervenham nas nossas Assembleias Gerais. Participem. Serão muito BEM-VINDOS!

Os Capuchos nas minhas memórias (3ª. Parte)

De Eduardo Gomes

Muitos anos caminhei, entre a Vila Nova de Caparica e os Capuchos, passando pela taberna do avô Virgílio, na Estrelinha, onde permanecia sempre algum tempo.

Tinha de compatibilizar as atividades, incluindo brincar, com a frequência da escola primária, que se situava na Quinta dos Pilotos.

Nessas idas e vindas, passava junto ao marco geodésico e ao moinho, onde o Ti Pardal era moleiro - e o vi pô-lo a funcionar, sempre que havia vento de feição.



Na parte final dos anos 50, do século XX, ainda vi as velas do moinho em movimento, e o som era bem audível quando o vento soprava nas "cabaças", em barro, fixadas na extremidade de cada uma das velas.

Passava, também, pela azinhaga, com início na entrada da Quinta da Bisca até ao largo do convento. No cruzamento, a meio, onde existiu um enorme eucalipto, virava à esquerda para o Cabedelo; à direita virava para a casa do Ti Júlio Mesquita. Lembro que, junto a esse cruzamento havia uma casa onde morava o Sr. João Gomes, expedidor na empresa de transportes "Piedense" - normalmente fazia serviço de expedição na Costa de Caparica, junto ao

mercado, onde hoje existe um lugar de frutas.

Na 2ª parte de "Os Capuchos nas minhas memórias", descrevi, em último lugar, a forma como o meu avô Virgílio geria o rebanho de ovelhas.

Hoje vou descrever outras atividades que ele acumulava com as desenvolvidas no Cabedelo/Capuchos: a gestão de uma taberna no largo da Estrelinha.

Neste local existia uma correnteza de casas, semelhante às que existem hoje, mas com mais habitações.

Para além da taberna, existiam três habitações, alinhadas pelo portão da quinta da Estrelinha.



Na que ficava mais próxima do referido portão morava a Tia Gertrudes, com o seu marido Ti José "das terras" e os seus filhos: o José, o Alberto, o Ondino, o António Fernando e a Luzia.

A seguir era a Taberna.

Depois a casa da Tia Maria "sajaquetas" e o seu marido Ti Francisco Pinhal, com os seus filhos: o José, o Francisco (Chico), o Eduardo, o Virgílio (Bagica), a Júlia e a Ilda (Mocha).

Por fim, a casa junto à Rua da Estrelinha, da Tia Maria "do Ti José Anastácio", o seu marido – o Ti José Anastácio - com os seus filhos: o António, a Maria, a?.



Há 68 anos. A minha avó Leonor Henriques, a minha tia Maria do Carmo Nunes e eu, Eduardo Gomes, à porta da taberna.

Na atividade da taberna, cuja porta era virada a nascente e tinha um ramo de louro pendurado na parede exterior, ao lado da porta, lembro-me de alguns clientes, bastante dependentes do álcool, sendo a maioria analfabetos, cujo passatempo, depois do trabalho, era beber vinho, jogar cartas e dominó.

Observei que alguns "matavam o bicho", pela manhã, bebendo um "copo de dois" com aguardente, no qual misturavam açúcar.

Aos domingos faziam-se jogos de chinquillo, no largo, frente à taberna.

Nos dias em que havia jogos de hóquei em patins, para o mundial, os frequentadores da taberna "colavam" as orelhas à telefonia para ouvir tudo sobre o jogo da excelente equipa de Portugal, várias vezes campeã do

mundo (décadas de 50 e 60 do século XX). A maioria eram trabalhadores na agricultura nas quintas.

Quero destacar uma das figuras típicas da época, que eu conheci e frequentava a taberna: O Ti Eduardo "Parte carroças", marido da Tia Júlia (filha da Tia Maria "sajaquetas") e irmão do Ti José Garcia, rendeiro de uma parte da Quinta da Aldeia. Destaco-o, porque me marcou muito a sua boa disposição, espírito brincalhão, sempre com estórias para contar, algumas à base da ficção.

Para abastecer a taberna, regularmente ia com o avô Virgílio, numa carroça, buscar barris de vinho, ao armazém do sr. Jaime, no Monte de Caparica. Localizava-se junto ao Largo dos Trabalhadores Rurais (largo da igreja). Aos domingos, neste largo, funcionava a "praça de jorna", enchia-se de trabalhadores rurais à espera que rendeiros e donos de quintas os viessem contratar.



A Igreja de Nossa Senhora do Monte da Caparica (na actualidade).

Nestes dias as tabernas enchiam-se de clientes, nomeadamente a adega do João Maria, o João “Tirapicos” e a taberna, que ainda hoje existe (pequeno café) ao lado do talho, frente à igreja.

Foi um tempo em que o horário de trabalho ainda era de sol a sol, mal alimentados, muito alcoolizados e quase total analfabetismo.

Desafiando memórias: a mesa de madeira que havia na taberna era utilizada para a atividade agrícola no cabedelo, na debulha de cereais. Para isso, preparávamos a eira (limpar e regularizar o piso), a mesa era colocada no centro da eira e o avô pegava em pequenas porções de palha de centeio e batia forte com as espigas no tampo da mesa separando os grãos.



Assim, obtinha semente para voltar a semear e farinha para fazer pão. A palha seca, ainda com grãos, de tremçoço, ervilha, favas, feijão e grão de bico era levada também para a eira e, com um malho, batia-se na palha até que todos os grãos se separassem.



O malho era um utensílio composto por uma vara fina de + ou - 1,50 m. , ligada a outra mais grossa com + ou - 0,60 m. (que batia na palha), articuladas através de uma tira de couro; que permitia pegar na vara mais fina, balancear a mais grossa de modo a bater na palha.

Finalmente, para separar os grãos da palha, usava-se um crivo: punha-se uma porção no respetivo, era mandada ao ar, o vento levava a palha (mais leve) e o grão voltava a cair no crivo. Era necessária experiência e alguma habilidade.

Enfim, memórias do passado, sempre presentes!

No próximo número do
“Arriba”

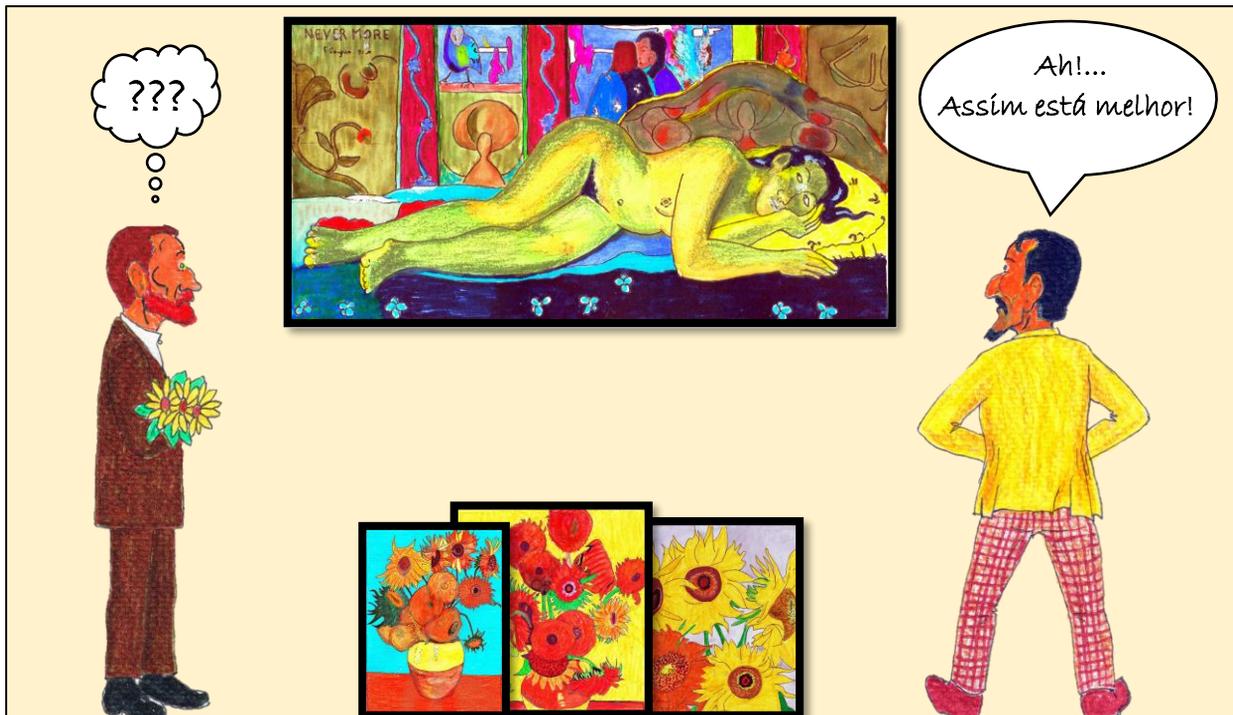
A continuação de
**Os Capuchos nas
minhas memórias
de Eduardo Gomes**

Não há paz entre os girassóis

Por Ferrer Asturiano

Corria o ano de 1888 quando Vicente convidou Paulo a juntar-se-lhe em Arles, no sul de França, para iniciarem o que pretendiam que viesse a ser uma "comunidade de artistas"...



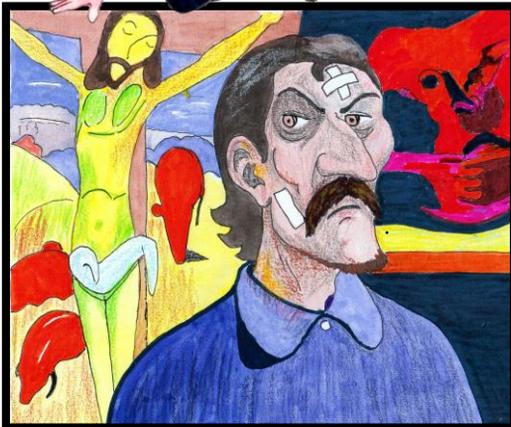


Alguns dias depois...

Bah!...
Píntor de
girassóis...

Hei, Paulo!
Acabou-se-me o amarelo...
Tens algum que me emprestes?





F
I
M

ferrer
Out/22

E assim terminou a "comunidade de artistas". Paulo emigrou para o Taiti e Vicente... bem, esse continuou a pintar girassóis. Bastante bem, por sinal...

As luzes que brilham no céu

Um conto de Paulo Figueiredo

A velha canção tocava no rádio, “...não há estrelas no céu a dourar o meu caminho...” enquanto o carro seguia pela estrada.

- Estas canções antigas são giras – comentou a passageira ao lado do condutor.

- São sim, mas não são da Idade Média, são de há 30 anos.

- Pois sim, João, mas se para mim são antigas, imagina para esta aqui – e olhou para a barriga de nove meses.

- Eu sei que está no fim, mas preciso de ver como é que o meu pai está, tenho medo que já não veja a neta.

O automóvel estacionou em frente da casa do pai de João, ao cabo de uma viagem que a Marta pareceu não ter fim, o final da gravidez a tornar cada dia mais difícil.

João tocou à campainha uma vez e aguardou. Tocou repetidas vezes e repetidas vezes não teve resposta. “Não me digam que aconteceu alguma coisa”, pensou enquanto metia a mão ao bolso e retirava umas chaves, só para usar em caso de necessidade.

Entrou no apartamento, chamou pelo pai, percorreu todas as divisões, não havia ninguém.

Saiu do apartamento, apreensivo. Antes de chegar ao carro, o som de uma mensagem no telemóvel fê-lo parar. Leu a mensagem, correu para o carro.

- Que é que aconteceu?

- O meu pai foi para o hospital de urgência, e só agora é que o meu irmão me diz?!

Antes de ligar a ignição, João respirou fundo e lembrou-se da mulher.

- Como é que te sentes?

- Estou bem, vamos lá ver o teu pai, despachate.

Mais uma viagem, mais um sacrifício para Marta, não queria ficar com o peso na consciência de ter impedido o marido de ver o pai, uma vez que talvez fosse a última.

Olhou para o ventre, pensou na outra vida que trazia consigo e achou-a mais importante que a morte inevitável de alguém muito doente e sem mais nada para viver. Guardou o pensamento para si.

Os quilómetros foram ficando para trás à medida que a viatura corria contra o tempo. A noite ia caindo, Marta continuava a olhar o céu sem saber porquê. E então, viu. Três luzes, diferentes de todas as outras e diferentes das que alguma vez tinha visto, pairavam acima da linha do horizonte. Os olhos de Marta fixaram-se naqueles pontos luminosos.

- João... que é aquilo?

João viu as estranhas luzes.

- Sei lá o que é aquilo, uma coisa qualquer – a imagem do pai sobrepunha-se a qualquer outra, por mais insólita que fosse.

A estrada ia sendo percorrida como se fosse uma interminável fita negra de asfalto. Para Marta, os metros pareciam quilómetros, os minutos pareciam horas, a velocidade do automóvel parecia excessiva.

- João, não vás tão depressa!

A estrada parecia não acabar, o tempo ia passando, ainda longe o destino.

Subitamente, dores de uma intensidade nunca sentida em nove meses disseram-lhe que tinha chegado o momento.

- João, leva-me já para a maternidade!

Tomado de pânico, o homem olhou de relance para a esposa aflita com dores. Numa fracção de segundo, João sentiu-se dividido entre o pai que poderia estar de partida para sempre e uma filha prestes a chegar. Pisou o acelerador.

Acima do horizonte, as três misteriosas luzes até esse momento estáticas, começaram a deslocar-se na direcção do carro.

- João, não sei se aguento até lá... - avisou Marta, ofegante. Olhou para o homem, leu-lhe no rosto a aflicção.

- Segue aquelas luzes... pára numa casa qualquer...

“Ela não está boa da cabeça.” Sem pensar em mais nada a não ser na criança que estava para nascer, seguiu os três pontos luminosos, “só Deus sabe de onde saíram”.

Tentando não tirar os olhos da estrada, já sem noção do tempo ou do espaço, João seguia o movimento das três luzes. De repente, as luzes imobilizaram-se e ao sair de uma curva com o carro quase a derrapar, viu um edifício iluminado. Contra o fundo escuro da noite, um farol projectava do alto da sua torre um feixe luminoso sobre as águas, estrela em terra seguida por quem no mar navega. João estacionou o veículo.

- Deixa-me ir bater à porta primeiro.

Junto ao farol, a casa do faroleiro tinha as luzes acesas. João bateu à porta com a força da aflição e esta abriu-se, um rosto de homem surgiu, com espanto e desconfiança.

- Quem é?!

- Boa noite, a minha mulher está pra ter bebé, tá lí' no carro, pode chamar o 112 e deixa-nos entrar? É que a maternidade fica longe e ela já não aguenta...

- 'Tá bem, 'tá bem, já percebi, traga lá a sua mulher – e virando-se para dentro de casa:

- Ó pessoal, venham aqui à porta!

Uma mulher e dois homens, acorreram à porta e o faroleiro explicou o que se passava. Em pouco tempo, Marta foi conduzida a um quarto onde uma mulher a deitou, de seu nome Maria, esposa do faroleiro José.

- Já chamamos o 112, se fosse aqui há uns anos eu fazia-lhe o parto, mas agora não, é melhor que sejam eles, é mais seguro, estas mãos já não são o que eram.

- Obrigada... desculpe a trabalhadeira...

- Não fale, não se esteja a cansar – e pegou na mão da parturiente.

Finalmente, a equipa do 112 chegou, e depois de uma série de perguntas a Marta começaram os preparativos para o parto. João ficou na sala com José e os outros dois homens.

- Vai correr tudo bem, senhor...?

- João.

- Eu sou o José e tomo conta deste farol há trinta anos.

- Eu chamo-me Afonso, sou astrónomo e amigo aqui do José.

- Eu sou o Xavier e sou amigo destes dois, por acaso não viu umas luzinhas estranhas no céu?

- Epá, lá 'tás tu com os Ovnis, o homem tem mais em que pensar! – interveio o astrónomo.

- Por acaso, até vi... a Marta disse para eu as seguir e vim dar com este farol, talvez ainda lá estejam.

Os homens entreolharam-se. Xavier adiantou-se em direcção à porta da rua, os outros homens acabaram por segui-lo. Os quatro homens saíram para a noite, ergueram os olhos, perscrutaram o céu. E as luzes lá estavam, pairando no céu, diferentes de todas as luzes que alguma vez tivessem visto. Da boca daqueles homens apenas se ouvia o som do silêncio.

Alguns minutos depois, para espanto de todos, uma das luzes deixou de ser visível, talvez se tivesse apagado. Nesse mesmo instante, um telemóvel tocou. A estranha coincidência levou João a ter um mau pressentimento. Era o seu telemóvel, atendeu a chamada.

- Não viste a minha mensagem?!

- Vi e pus-me a caminho, entretanto a Marta entrou em trabalho de parto, não posso ir aí. Como é que está o pai?

Da voz chorosa do irmão ouviu o que mais receava:

- O nosso pai já está a descansar, João. Já não precisas de vir, trata agora da Marta.

João elevou os olhos para o céu, as lágrimas desceram pelo rosto. Uma das luzes da sua vida tinha desaparecido. “O pai foi para ao pé de ti, mãe”.

- Alguém muito chegado? - perguntou Afonso, lendo o rosto de João.

- O meu pai. Também já não tenho mãe.

O astrónomo pegou no braço de João.

- Quando estamos perdidos na noite escura, precisamos de uma referência para nos guiar, pode ser a Estrela Polar ou outra. O meu amigo não precisa de procurar a sua Estrela Polar, ela está quase a aparecer ali no quarto ao lado.

A frase trouxe João de volta a uma outra realidade, correu para o quarto onde estava Marta, o pessoal médico barrou-lhe o caminho.

- O senhor não está em condições de assistir, está com uma grande carga de stress, não quer passar isso para a sua esposa, certo?

Angustiado, regressou para junto dos outros homens. O faroleiro dirigiu-se a João:

- Vai correr tudo bem, esteja descansado, vão sair daqui com companhia, uma criança enche uma casa, vai ver.

- E o que é que acharam daquelas luzes, hem? – falou Xavier, lançando a pergunta ao grupo.

- Lá vem este, decerto haverá uma explicação racional para o que vimos, o José a animar aqui este amigo e tu com essa conversa da treta – retorquiu Afonso.

- Da treta, não, tu também viste, e pela tua cara, não estás lá muito certo dessa “explicação racional”.

- Durante os anos que aqui trabalhei também vi umas coisas no céu muito estranhas, nunca contei ao Afonso para ele não pensar que era maluco, mas afinal... – interveio José.

- Houve um poeta ou filósofo que disse qualquer coisa como “há mais mistérios entre o céu e a terra do que...” não me lembro do resto da frase – disse João.

- “Há mais mistérios entre o céu e a terra do que a vã filosofia dos homens possa imaginar”, foi Shakespeare que disse. Às vezes, os faroleiros arranjam tempo para ler umas coisas – esclareceu José.

- Isto é tudo muito interessante, mas agora só me interessa que a minha mulher fique bem e a minha filha nasça saudável.

Do quarto chegavam os gritos de Marta, gritos de parto. De súbito, um grito diferente, um choro. João correu para o quarto, desta vez não o impediram.

O quarto parecia banhado por uma luz diferente. Com as lágrimas nos olhos, João encontrou a sua Estrela Polar.

Mais tarde, ao sair do quarto, olhou instintivamente pela janela. As duas luzes misteriosas tinham agora uma companheira com um brilho diferente e mais intenso.

Alguns dias decorreram desde aquela noite, durante os quais Marta ficou aos cuidados de José e Maria, cabendo a João fazer as deslocações que fossem precisas.

Quando a altura certa chegou, o jovem casal e o seu bebé despediram-se do velho casal como se fossem família, família do coração.

À noite, depois de um sem-número de afazeres e cansaças, já o bebé dormia, Marta e João olhavam o céu através da janela do seu quarto.

- Que nome é que a gente lhe vai dar?

- Maria.

- Por ser o nome da mulher do faroleiro?

- Sim.

- João, olha para ali.

Três luzes brilhavam intensamente no céu e numa fracção de segundo desapareceram a uma velocidade estonteante.

- Que será aquilo?

- Não sei, ninguém sabe, o mundo está cheio de mistérios, uns longe de nós, outros mais perto.

E ambos olharam para o quarto onde a pequena Maria dormia, debaixo de um tecto de estrelas.



Capuchos, Outubro de 2022
Paulo Figueiredo

CAPUCHOS

Uma aguarela e um poema
de **Carlos Canhão**



A despedida do sol

O céu brilhava.
O sol inundava o céu com cores
rosa,
laranja,
amarelo,
cores quentes.
É assim que o astro rei se despede,
na sua grandeza,
mergulhando para lá do horizonte.
E é também a hora em que,
para não perder esta despedida,
tão bela
e romântica,
corro até ao miradouro,
cruzando-me com quem,
com o mesmo objetivo,

aproveita para desentorpecer
as quatro patas
do seu animal de estimação.
Ao chegar ao miradouro,
aí está o espetáculo.
Como um cenário celestial,
o céu e o mar unem-se
num abraço colorido,
trazendo até nós um reflexo,
como um caminho até ao sol,
que não tarda em esconder-se
por trás daquelas águas.
E, como uma brincadeira de criança,
que brinca ao gato e ao rato,
aparecer amanhã
do outro lado do céu.

História e estórias do Concelho de Almada

De João Paulo Curto

A industrialização do Concelho de Almada

A ruralidade, que sempre marcou a evolução ao longo dos séculos do concelho de Almada, foi determinante para a explicação da paisagem e atividades que caracterizaram este território. As construções e outros vestígios do espaço rural, os campos agrícolas, as atividades e os processos, a afirmação do património cultural, constituem memórias do passado desta região e um fator de construção da identidade coletiva e individual.

Esta memória está mais presente nas zonas tradicionais como as povoações piscatórias de Trafaria e da Costa de Caparica onde, para além de continuar a pesca nos moldes tradicionais, estão presentes comunidades relativamente fechadas, com as mesmas origens comuns (Beira Litoral e Algarve) e os mesmos laços familiares.

Até ao século XX, Almada foi um concelho predominantemente rural. As primeiras unidades industriais instalaram-se na proximidade das frentes ribeirinhas, enquanto o interior se mantinha sem grandes transformações ao nível da paisagem.

A localização geográfica, as condições naturais na margem estuário do Tejo, a disponibilidade de combustível e a proximidade a Lisboa favoreciam o abastecimento de matérias-primas e o transporte de produtos transformados, por via marítima e fluvial. Já durante a Idade Média, estes fatores concorreram para o aparecimento de atividades proto-industriais.

Almada está ligada a um conjunto de

atividades manufatureiras subsidiárias ou dependentes do setor primário e da exploração dos recursos naturais. A exploração de ouro na Mina da Adiça, sem dúvida a atividade industrial mais importante no concelho ao longo de muitos séculos, as lenhas destinadas em grande parte à alimentação de fornos, alguns deles cerâmicos, para a produção de ânforas onde se transportava os produtos da região como o preparado de peixe e o vinho, a tanoaria, destinada principalmente ao armazenamento e transporte de vinho produzido localmente ou a moagem de cereais com recurso a moinhos hidráulicos, utilizando a força das marés, são exemplos destas atividades proto-industriais.



Tanoeiros no Ginjal, décadas 1920-1930.

Imagem: Apolónia Simões in [Ver Almada crescer: 10 anos do Museu da Cidade \(catálogo\)](#)

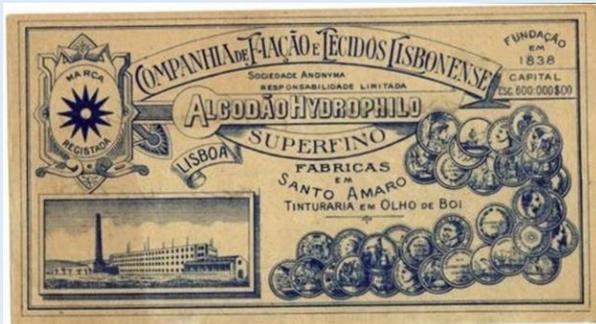
No entanto, só com a introdução da máquina a vapor, a partir do século XIX, se pode falar em industrialização, com a substituição de oficinas artesanais por fábricas. A necessidade de mão-de-obra em grande quantidade e uma maior especialização dos operários que estas novas indústrias exigiam, fizeram do concelho de Almada um novo polo de atração populacional.

Ao longo do século XIX destacam-se

algumas das mais importantes unidades fabris que se instalaram no concelho de Almada e que recorriam à máquina a vapor.

A mais antiga instalação fabril que recorria à máquina a vapor foi a Fábrica de Produtos Químicos da Margueira, considerado o maior laboratório Químico, instalado desde 1823.

A Fábrica de Fiação de Tecidos do Olho de Boi foi a primeira grande instalação industrial deste concelho. Em 1848 já empregava cento e cinquenta operários e que, nas palavras de Jorge Custódio, foram: "os primeiros operários modernos de Almada, antes do advento das instalações fabris para manufaturar a cortiça."



Estes operários estiveram ligados às primeiras associações de classe que vão caracterizar, a partir de então, a sociedade local, marcada por uma crescente politização dos grupos sociais ligados ao operariado fabril.

A instalação de uma máquina a vapor na fábrica de moagem de António José Gomes, na Cova da Piedade a partir de 1865, transforma a atividade moageira, que até aí era realizada nos moinhos de vento ou de maré, tornando-se uma atividade industrial, empregando um maior número de trabalhadores e aumentando exponencialmente a capacidade transformadora face aos sistemas tradicionais movidos pela força das marés ou do vento, e moendo cereal importado.

Ainda no século XIX referência para a instalação de uma fábrica de dinamite próximo da Trafaria, que iniciou a laboração em 1873, no lugar do Torrão.

Mas talvez o marco mais importante na história da indústria na margem sul, foi a instalação, em 1881, na praia do Ginjal, dos estaleiros de Hugo Parry, com recurso à utilização do ferro e de máquinas ferramentas.



A Hugo Parry & Son era considerada uma verdadeira fábrica metalúrgica, especializada na construção de navios de ferro e outras construções metálicas. Foi o precursor de dois dos mais importantes estaleiros navais do país: o Arsenal da Marinha e a Lisnave, inaugurados respetivamente em 1939 e 1967. Estes dois estaleiros navais representam a fase da industrialização que distinguiu profundamente a indústria pesada na região, empregando milhares de trabalhadores e constituindo um importante fator de atração de população.

Na indústria da cerâmica destaque para a Fábrica de Cerâmica de Palença, na praia com o mesmo nome, em laboração desde 1884 mantendo a sua atividade até aos anos setenta do século XX. Para além de cerâmica comum produzia materiais de

construção, ocupando mais de uma centena de operários.

A indústria conserveira, oriunda do período romano, instala-se no Ginjal, Porto Brandão e Trafaria, aproveitando a abundância de pescado e a facilidade de escoamento por via marítima para os mercados internacionais. Os operários, principalmente mulheres, eram oriundos sobretudo de Peniche e do Algarve, locais onde estas empresas estavam implantadas.

Mas a indústria que teve um maior impacto em Almada foi porventura a corticeira.



Fábrica de cortiça W. Rankin & Sons, secção das garlopas, na década de 1940, Caramujo/Cova da Piedade (Leslie Howard/CMA-Museu da Cidade de Almada).

Transportada por caminho de ferro até ao Barreiro, a cortiça seguia depois por via fluvial, para Almada, onde se registava uma concentração de unidades fabris. Entre 1872 e 1910 existiam, segundo Jorge Custódio, dezassete fábricas de transformação corticeira. Estas empresas, na sua maioria inglesas, vieram principalmente do Algarve, nomeadamente de Silves onde existia o principal polo da indústria corticeira do país, trazendo consigo operários especializados.

Esta industrialização vem introduzir mudanças profundas no concelho de Almada. Pequenas povoações como a Cova da Piedade, o Pragal, a Ramada ou Cacilhas desenvolvem-se, passando a povoações

habitadas maioritariamente pelo operariado. Antigas instalações agrícolas das quintas são transformadas em habitações para operários. Por exemplo, no Pragal em 1835, o então provedor do Concelho refere que: “os habitantes são quasi todos Calafates e Carpinteiros ocupados no Arsenal da Marinha”, justificando assim as queixas frequentes de falta de mão-de-obra local para os trabalhos agrícolas.

Com esta crescente industrialização e o desenvolvimento do comércio e dos transportes, a atividade agrícola vai perdendo a importância que detinha na economia e na sociedade local. Os sectores secundário e terciário integram a população local e mão-de-obra migrante, oriunda de várias regiões do país, nomeadamente do Algarve, do Alentejo e das Beiras, onde o sistema de vida rural tradicional também entrara em declínio, assistindo-se á destruição das estruturas económicas e sociais do mundo rural.

Este aumento da população foi responsável por grandes transformações a nível da paisagem local. O aparecimento de novos núcleos populacionais, a alienação de terrenos baldios como o que ocorreu na Costa de Caparica, a construção em solos agrícolas e florestais, o arrendamento de parcelas de terrenos em quintas para a construção de barracas (dando origem a bairros de lata) e a melhoria das acessibilidades a Lisboa, tornaram Almada o concelho urbano em que se tornou. Mas a sua história rural é facilmente visível em inúmeros vestígios que, alguns deles, tardam em ser preservados.

Nota: este texto, bem com as suas citações, têm como referência a dissertação de mestrado “Ruralidade em Almada nos séculos XVIII e XIX”, da autoria de Francisco Manuel Valadares e Silva, Universidade Aberta, 2008

Mar do Norte

de Josephine Lucassen



“Aqui vai o quadro. Copiei duma pintura de Jozef Israëls que se encontra no Rijksmuseum Amsterdam. Eu vi este quadro e fiquei mesmo apaixonada por esta pintura. Ando na pintura na universidade sénior de Almada mas não sou muito produtiva porque tenho uma enorme angústia de falhar. Mas quando um quadro está pronto, fico muito satisfeita.”



Jozef Israëls Groninga (1824 - 1911) foi um pintor holandês. Foi um dos principais membros do grupo de pintores de paisagens conhecido como Escola de Haia e, durante a sua vida, "o artista holandês mais respeitado da segunda metade do século XIX".

Nascido no seio de uma família judaica de ascendência portuguesa, Israëls foi comparado a Millet. Como artistas, muito mais que como pintores, ambos viram na vida pobre e humilde um motivo de expressão intenso nas suas simpatias; mas Millet foi o poeta da plácida vida rural, enquanto em Israëls há uma nota penetrante de aflição.



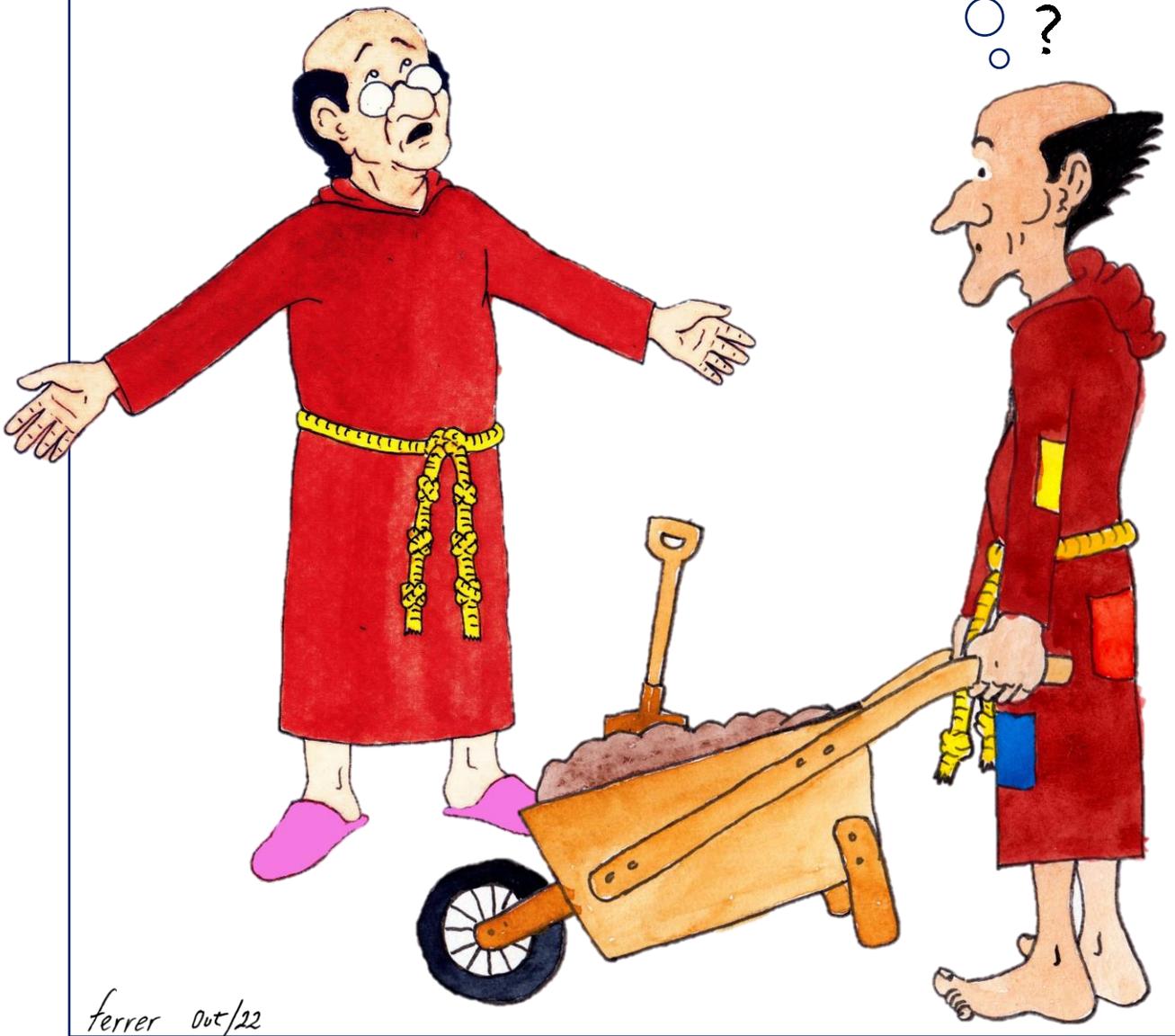
<https://youtu.be/eJvrocCjFxl>

Clique no link para ver o vídeo

A "horda" descalça

Porque é que não nos respeitam nem consideram?... caramba, não somos um grupo de pé descalço...

Não somos?
Então somos o quê?
O grupo da pantufa cor de rosa?



ferrer out/22

*As luzes
que brilham no céu*

